

O lento castigo

O Governo recebe com a maior indiferença as denúncias de torturas praticadas por autoridades militares e civis. Não desmente porque não pode desmentir. Mas não liga.

Torturar presos é um crime repugnante pela covardia, pelo ultraje à pessoa humana. Não interessa saber se o torturador é movido por simples sadismo ou por um ideal exaltado. Nenhum fim justifica esses meios demasiado sórdidos. Uma agravante desse crime é a quase certeza de impunidade. No tempo da ditadura do Sr. Getúlio Vargas houve torturas ainda em maior escala do que hoje. Os nomes dos torturadores foram publicados; não sei de nenhum que tenha sofrido qualquer punição. Sei porém —

ó torturadores de hoje — de um castigo que alguns deles sofreram lentamente, implacavelmente: seus filhos, seus netos, seus sobrinhos sentiram, através de anos e anos, na escola, na vida social, em toda parte, ao declinarem seus nomes, a repulsa, às vezes silenciosa, às vezes em forma de perguntas, o mal-estar, a repugnância dos outros. Nome de carrasco mancha mais que nome de criminoso. É triste que, dessa maneira, os inocentes sofram pelos culpados. Mas sofrem. Esses oficiais do Exército e da Marinha e essas autoridades policiais que em vários pontos do País continuam a torturar presos não se iludam: eles estão aplicando também, a longo prazo, uma tortura moral a suas próprias famílias.

Falta de classe

Mas falemos de coisas mais amenas. Um amigo meu reclama contra boates que, para fazer propaganda de seus espetáculos, fazem filmar o *show* quando a casa está cheia de fregueses. O cliente, que está pagando, e caro, ainda trabalha de comparsa, sem que

ninguém o consulte se ele quer ou não aparecer no jornal nacional ou na televisão. Além disso a luz dos projetores perturba ou impossibilita a visão do espetáculo, conforme o ponto em que está sentado o freguês. Uma casa de classe não pode fazer isso.

Sete 4.9.64

O estranho Brasil

O engenheiro Eliézer Batista (que dirigia a Vale do Rio Doce) entusiasmado com a cooperativa agrícola que fundou no Espírito Santo. Fica a 1 400 metros de altitude e se instalou junto a uma pequena e antiga colônia de tiroleses trazidos por Pedro II. Os tiroleses viviam muito isolados por falta de estradas, mas a Vitória—Belo Horizonte (estrada do Paralelo 20) ora em construção pôs

o lugar a duas horas de Vitória. Novos colonos tiroleses e suíços chegaram agora. A produção de aspargos é fabulosa em quantidade e qualidade, e vai tôda para... São Paulo. Cuida-se agora de industrializar polpa de maçã, pêra, framboesa e morango e uma criação magnífica é a de faisões. Neste inverno o frio chegou a 6 abaixo de zero.

4.9.64